

Humanismo, militância e compromisso intelectual em Vicente de Paula Faleiros

Humanism, militancy and intellectual commitment in Vicente de Paula Faleiros

Ivanete Boschetti* 

*“Universidade
Asperezas de trabalho
No campus vivi
Greves, lutas, pão diários”
Vicente de Paula Faleiros¹*

Recebi com imensa alegria o convite para escrever este texto em homenagem ao professor, pesquisador e incansável militante Vicente de Paula Faleiros. Esse sentimento, movido pelo carinho que tenho por ele, também foi acompanhado de apreensão, afinal, nunca é simples recortar e expressar em palavras parte do que reconhecemos ser importante ressaltar na trajetória de alguém tão re(conhecido), que segue sua vida em movimento.

Movida por essas sensações, entendi que não seria possível transmitir toda a distinção que gostaria, e que ele certamente merece. Optei então por mencionar (ou enfatizar) traços ou particularidades que marcaram nossa convivência profissional e pessoal e calçaram a estima e afeição que nutro por ele. Não farei aqui um resumo de sua intensa vida profissional e militante nem um debate teórico sobre suas produções acadêmicas. Esses elementos podem ser encontrados

¹ Poesias de Vicente de Paula Faleiros, extraídas de seu livro “Cais em Brasília. 80 Haicais”, escrito em 2020, em homenagem aos 60 anos de Brasília, e publicado em 2021 pela Editora AVA. Todos os Haicais mencionados no texto integram o mesmo livro.

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ - Brasil.
E-mail: ivaboschetti@gmail.com.

Como citar: BOSCHETTI, I.
Humanismo, militância e
compromisso intelectual em Vicente
de Paula Faleiros. *Em Pauta: teoria
social e realidade contemporânea*,
Rio de Janeiro, v. 22, n. 57 Especial,
pp. 213-233, dez., 2024.
Disponível em: [https://doi.
org/10.12957/rep.2024.88527](https://doi.org/10.12957/rep.2024.88527)

Recebido em 15 de abril de 2024.

Aprovado para publicação em 05 de
maio de 2024.

Responsável pela aprovação final:
Monica de Jesus César.



em diversas publicações que o mencionam² e em entrevistas³ que o próprio se reconhece e se representa. Meu intuito é, sobretudo, expressar as marcas que, julgo, ele imprime nas relações sociais que constrói em algumas facetas de sua vida.

Uma pessoa profundamente humanista e generosa

“Alunos

Olhos nos olhos se lendo

Para assinar a vida

Ao sopro de todo vento”

Vicente de Paula Faleiros

Cheguei em Brasília no início dos anos 1990 para prestar seleção para o Mestrado em Política Social na UnB. Carregava, entre outros livros, alguns que tinham sido base na minha formação graduada e também na preparação para as provas: *A política social do Estado capitalista: as funções da previdência e assistência social*; *O que é política social*; *Metodologia e ideologia do trabalho social: crítica ao funcionalismo*; e *Saber profissional e poder institucional*. Trazia também a expectativa de conhecer pessoalmente seu autor e, quem sabe, tê-lo como orientador, se fosse aprovada⁴. E assim aconteceu. Ele não estava na banca de seleção, mas me lembro do primeiro dia de aula com ele. Vestido com calça jeans, camisa solta e sandália de couro, era esse o seu “estilo” cotidiano. Colocava terno e gravata para sessões solenes e, muitas vezes, vestia indumentárias indianas ou orientais, trazidas de suas andanças pelo mundo. Chegou carregando vários livros na mão. Nos recepcionou

2 Ver especialmente análises sobre sua contribuição teórica ao debate da política social e ao processo de reconceitualização do Serviço Social, presentes em publicações diversas de autores/as como José Paulo Netto, Ivete Simionatto, Alba Pinho de Carvalho, Maria Ozanira da Silva e Silva, Marilda Vilela Iamamoto, Elaine Behring e Ivanete Boschetti, entre outros/as. Recentemente (2023), Ariadne Rodrigues e Ana Lole, do PPG/PUC-RJ se dedicaram a investigar o pioneirismo do autor na introdução do pensamento gramsciano no Serviço Social brasileiro, em artigo publicado na Revista Práxis e Hegemonia Popular. Disponível em <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/PHP/article/view/14804>.

3 É possível encontrar várias entrevistas em jornais e revistas, disponíveis em rede. Sugiro aqui duas entrevistas, sendo a primeira concedida à equipe da Revista Serviço Social e Saúde em 2007, em que ele aborda aspectos de sua trajetória de vida e escolhas teórico-políticas. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ss/article/view/8634955/2840> E a segunda, concedida à Jacira do Nascimento Serra, publicada na Revista de Políticas Públicas da UFMA em 2014. Disponível em <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3159/3946>.

4 O Mestrado em Política Social do Departamento de Serviço Social da UnB teve início em 1990, e naquele momento apenas três docentes integravam o corpo docente: Potyara Amazoneida Pereira Pereira (então coordenadora do PPGPS), Pedro Demo e Vicente de Paula Faleiros. Eram outros tempos, e as avaliações da CAPES se fundamentavam em critérios mais qualitativos e menos quantitativos.

com imensa simpatia, dizia que não costumava fazer chamada e que deveríamos ler a cada semana, pelo menos uns cinco livros. As aulas com 10 mestrandos/as aconteciam em torno de uma mesa na “sala de reuniões” do Departamento de Serviço Social (e não em uma sala de aula tradicional), mas ministrava o curso em pé, citando os livros, fazendo apontamentos no quadro de giz. Após as primeiras explanações, sentava-se ao redor da mesa e debatia os autores, os temas e polêmicas, nos provocando a dialogar. No intervalo, acompanhava discentes ao café e conversava sobre a vida.

Essa forma de nos receber me encorajou a procurá-lo e pedir que me orientasse. Para uma jovem de 25 anos formada em curso noturno em uma faculdade particular, no interior do Brasil, que não conhecia a dinâmica da pós-graduação em uma universidade pública, conhecer e ser orientada por um autor que só conhecia pelos livros, era um desejo acalentado, mas que julgava quase improvável. O seu aceite, seguido pelo convite para um café, para falar do projeto, foi para mim uma imensa felicidade. Ali começou a nascer uma proximidade que foi além da relação docente/discente, e se transformou em uma bela amizade nos anos seguintes. No dia da minha defesa chegou carregando um vasinho de flores, que me ofertou pela conclusão do mestrado.

Seriedade e profundidade nas aulas, informalidade fora das classes, e interesse em nossas condições de vida, projetos, motivações. Esses eram traços reconhecidos por todos que conviviam com ele. Profundamente humanista, exercitava o respeito à diversidade humana em todas as relações sociais, e foi um dos primeiros a levantar a voz nos espaços políticos e institucionais da universidade contra todas as formas de preconceito, de classe, raça, gênero e orientação sexual, assumindo a defesa das cotas, muito antes de se tornarem obrigatórias. Tinha muito apreço por encontros festivos, e participava frequentemente, e de forma agradabilíssima, nos encontros sociais, nas festas do sindicato, nos encontros das turmas, nos aniversários, nas mesas de bar. Ele e sua companheira Eva Faleiros nos convidavam regularmente ao seu apartamento e, também, em sua simpática casa na comunidade “Olhos d’Água”, interior de Goiás, conhecida pela famosa “Feira do Troca” que ocorre há mais de 50 anos no vilarejo, onde nos recebiam com churrasco ou comidas preparadas por ele, que adora cozinhar. Na partida, recebíamos sempre um bonsai ou um artesanato feito pelos artesãos locais, que ele valorizava enormemente. Cronista e poeta⁵, Faleiros é um amante das artes, de música, dos vinhos, e de jantares regados a horas de boas histórias. Suas andanças pelo mundo, suas intensas experiências políticas e profissionais e sua dedicação à amplas leituras o rechearam de vasta cultura que irrigaram muitos bons encontros.

5 Talvez poucos conheçam esse seu talento. Lanço mão aqui de alguns dos seus Haicais para traduzir um pouco do SER Vicente, que escolheu Brasília para ficar. Seu Haicai “Partida” expressa bem o que sentem todos/as que partem dessa capital tão contraditória: “*Se fores de Brasília embora. Imensidão do céu. Leva para o mundo afora*” (FALEIROS, 2021). O livro pode ser acessado em <https://avaeditora.com.br/p/cais-em-brasilia/>

Generosidade é outro de seus traços mais marcantes. Não hesita em partilhar seu conhecimento, afeto, amizade, livros, receitas e incentivos. Devo a ele, particularmente, não apenas a orientação no mestrado, mas o apoio e ajuda a dois decisivos projetos acadêmicos. O primeiro foi o estímulo ao meu acalentado desejo de realizar o doutorado na França. Num tempo histórico sem internet e celular, apresentou-me o país, as universidades, programas de doutorado e docentes da sociologia que poderiam me receber, com livros em francês que trouxe de seu pós-doutorado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais — EHESS (em 1991). Ajudou-me a rascunhar as cartas para possíveis orientadores, situou-me na dinâmica das seleções e me orientou em leituras para elaboração do projeto de doutorado. Seu apoio e crença em minha capacidade foi fundamental para que eu fosse aceita no doutorado em sociologia da EHESS pelo professor Robert Castel a partir de 1993. Antes da minha partida para a França ofereceu-me um jantar e apresentou-me a *raclette*, uma comida que até hoje oferto a quem gosto.

O segundo decisivo apoio foi para a realização do concurso para docente da Universidade de Brasília — UnB. Eu ainda estava no meio do doutorado quando recebi uma carta dele pelos Correios (única forma de comunicação além de ligações telefônicas, que eram caríssimas) dizendo que haveria concurso para docente no Departamento de Serviço Social no final de 1995, e me sugeria vir ao Brasil fazê-lo, pois em sua avaliação, as políticas neoliberais agressivas do Governo FHC suspenderiam a realização de concurso. Ele estava certo, e o Plano Diretor da Reforma do Estado (PDRE) de Bresser Pereira impôs um dos mais draconianos ajustes fiscais e a contrarreforma do Estado brasileiro. Segui seu conselho, fiz o concurso em 1995 e voltei para o doutorado na França. Fui aprovada (ele não estava na Banca) e voltei ao Brasil para tomar posse no início de 1996. E, novamente, Faleiros foi decisivo ao defender no Colegiado (nesse momento estava na Chefia do Departamento de Serviço Social) minha liberação imediata para concluir o doutorado, com o compromisso de voltar com a tese até o final de 1997. Cumpri o combinado, e a partir de agosto de 1997 tornei-me cotidianamente sua colega de profissão no Departamento de Serviço Social da UnB e no Programa de Pós-graduação em Política Social, onde fiquei até 2018. Nasceu ali, um novo patamar de companheirismo, amizade, respeito e admiração, durante todos os anos em que partilhamos o mesmo espaço de trabalho, mesmo quando tínhamos (poucas) divergências em algumas pautas. Faleiros sempre foi respeitoso, gentil e elegante no trato das diferenças, o que sempre fez dele uma pessoa admirável.

Um incansável militante

*“Calabouço
Preso no quartel
Em defesa da igualdade
Ao inferno desceu”*

“Chumbo

Exílio em anos de chumbo

Pelo mundo vaguei

Aqui retomo rumo”

Vicente de Paula Faleiros

Faleiros faz parte de uma geração que sofreu as brutalidades da ditadura e do fascismo. Muitos homens e mulheres morreram nas lutas contra o totalitarismo e pela conquista das liberdades, foram exilados, sofreram prisões e torturas. Uma brava geração, que se entregou à luta, apesar do medo e do sofrimento; que construiu e fortaleceu organizações políticas - algumas com perspectivas revolucionárias - outras mais restritas, mas também duríssimas, lutas pela redemocratização do país.

Ainda como estudante de Serviço Social (Universidade de Ribeirão Preto) e Direito (Universidade de Franca), ambas entre 1962-1966, Faleiros engrossou as fileiras das forças estudantis organizadas, militando na Ação Popular (AP), organização que, à época, disputava o movimento estudantil e a UNE com militantes do Partido Comunista, ao qual ele nunca se filiou e sempre criticou o totalitarismo estalinista. Uma militância que se mobilizava por reformas de base propostas pelo Governo João Goulart, que se levantou contra o Golpe empresarial-militar de 1964, e pagou um preço alto por sua coragem, ousadia e convicções ideopolíticas. Foi suspenso da universidade, sofreu a primeira prisão, mas concluiu os dois cursos em 1966. Depois de se graduar, partiu para a recém-criada capital do Brasil e atuou como assistente social na Fundação de Serviço Social (FSS), como professor no primeiro curso de Serviço Social na Faculdade de Serviço Social (FSS) criado em 1966 e vinculado à Ordem Religiosa Católica Sociedade Feminina de Instrução e Caridade até 1971, quando foi transferido para a Universidade de Brasília (UnB). Seguiu militando clandestinamente na Ação Popular, e foi novamente preso em 1967. No âmbito profissional, questionava as práticas funcionalistas predominantes na Fundação de Serviço Social, que chegou a ser dirigida por José Lucena Dantas entre 1970 e 1974. Com o recrudescimento da ditadura imposto pelo AI-5 em 1968, passou a ter a família vigiada, perseguida cotidianamente, o que os obrigou a se exiliarem no Chile, em 1970, pouco antes da eleição do socialista marxista Salvador Allende.

Durante seus anos chilenos (1970-1974), seu envolvimento com as forças de esquerda se deu tanto junto às organizações políticas que apoiaram o presidente eleito, quanto pela experiência docente na Universidade Católica de Valparaíso, assentada na intensa vivência do processo de “reconceituação” do Serviço Social (que abordaremos adiante), em que a formação era inseparável da prática militante junto a movimentos da classe trabalhadora. Essa experiência teórico-militante lhe custou nova prisão no Chile após o golpe sangrento que derrubou o governo socialista e matou o presidente, e o novo

exílio⁶, dessa vez para a Holanda, por curto período, e após para o Canadá, onde permaneceu até retornar ao Brasil em 1979.

No Canadá, conseguiu visto como professor visitante na Universidade Laval, na bela e histórica cidade de Québec, mas classificado como “apátrida”, como relata na entrevista mencionada na NR 2. Essa condição é extremamente penosa, e ainda mais dolorosa para um ser militante, pois o estatuto jurídico do apátrida (sem nacionalidade reconhecida) não lhe garante titularidade e exercício de direitos, especialmente políticos. Isso significa que qualquer envolvimento político poderia gerar expulsão do país e cancelamento de seu visto. Mas a militância se deu por outras vias, por meio do exercício profissional comprometido com as lutas coletivas. Articulado à docentes que questionavam o Serviço Social tradicional e funcionalista, participou da fundação do *Regroupement des Organisateurs Communautaires du Quebe — ROCQ* (Associação das Organizações Comunitárias do Québec), renomeado posteriormente para “CQC - Coletivo Quebequense de Conscientização”, cuja perspectiva de formação e atuação se assentava na pedagogia do oprimido, de Paulo Freire. E mesmo com os limites políticos, participou na criação do Partido Político RP (*Rassemblement Populaire*), que governou a cidade por alguns anos, inclusive com docentes e ex-alunos. Sobre essa experiência militante, Faleiros explica na entrevista citada que “ex-alunos foram os gestores da cidade, mudando a feição de alguns programas em favor do povo. Esta foi uma experiência política de um grupo de trabalhadores sociais inseridos nos movimentos sociais de luta contra a renovação urbana que visava expulsar os pobres do centro da cidade”.

De volta ao Brasil, a partir da abertura política “consentida” pelos governos militares em 1979, sua militância incansável, alimentada pela sua convicta aliança com as classes trabalhadoras e oprimidas, o levou a envolver-se em múltiplos espaços de luta coletiva. Nunca se candidatou a cargos políticos, mas é militante histórico do Partido dos Trabalhadores, assumindo tarefas, participando de debates e campanhas. Recentemente (2021), participou da criação e foi eleito primeiro coordenador do Setorial dos Direitos da Pessoa Idosa do PT-DF. Em outra frente, militou ativamente no movimento sindical docente, tendo sido vice-presidente da ADUnB (sindicato de docentes da UnB) e vice-presidente da Regional Planalto do ANDES (sindicato nacional de docentes das IFES), nos anos 1980/90. Também participou ativamente nas lutas e entidades da categoria profissional. Assumiu gestão regional na então ABESS, tendo contribuído intensamente nos debates

6 Em 06/09/2013 Faleiros participou de sessão especial organizada pela Câmara dos Deputados em Brasília, em homenagem às vítimas da violência no 40º aniversário do golpe militar no Chile. Vivíamos no Brasil outros tempos, em que os poderes não se furtavam de (re)lembrar as ditaduras, para não nos esquecermos jamais de sua brutalidade. Bem diferente do que vivemos no Brasil de 2024, em que os poderes da República se abstiveram de lembrar o aniversário de 60 anos do golpe brasileiro de 1964 e de denunciar os violentos anos da ditadura brasileira, apesar de termos vivido uma recente tentativa de golpe pelos bolsonaristas, em janeiro de 2023.

sobre as Diretrizes Curriculares e na reestruturação da ABESS/CEDEPSS para ABEPSS, nos anos 1990. Era presença frequente nas assembleias do CRESS/DF, tendo integrado sua diretoria na gestão 2011-2014.

Sua ininterrupta e firme postura em defesa dos Direitos Humanos, e contra todas as formas de violência, incluindo a violência institucional, também o levou a militar incessantemente em diversas organizações não governamentais de defesa de direitos e das políticas sociais. Foi um dos fundadores do Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (Cecria) na década de 1990, tendo sido seu coordenador por diversas vezes e importante referência nos debates e ações contra a violência e exploração sexual de crianças e adolescentes, contribuindo enormemente com o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR), e na regulamentação do Estatuto da Criança e Adolescente (Eca), inclusive como conselheiro titular do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda). Nessa mesma direção, participou dos debates e do processo de elaboração da Lei Orgânica de Assistência Social (Loas) tendo sido também conselheiro do Conselho Nacional de Assistência Social do Distrito Federal (CAS-DF). Mais recentemente, tem sido um dos principais pesquisadores sobre violência contra as pessoas idosas, assumindo lutas fundamentais na defesa de seus direitos e implementação do Estatuto da Pessoa Idosa. Participou na criação do Fórum Distrital da Pessoa Idosa, e assumiu sua coordenação em 2022. O reconhecimento de suas pesquisas, produção e militância na defesa dos direitos da pessoa idosa já lhe rendeu inúmeras condecorações e homenagens, e cito aqui apenas duas: da Câmara Legislativa do DF em 2022; e da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa (CIDOSO) da Câmara Federal, que lhe concedeu o Prêmio Zilda Arns pela Defesa e Promoção dos Direitos da Pessoa Idosa (2023).

Em toda sua trajetória, a militância foi pulsão para a vida e para a produção intelectual. Como ele mesmo afirmou em entrevista publicada na Revista de Políticas Públicas da UFMA (ver NR 2): “Não estudo políticas públicas como diletante, mas como militante dos direitos humanos”.

Um intelectual com abundante e compromissada produção teórica

“Distância

*Tão distante do palácio
Segregados sobrevivem
Habitantes sem ócio”*

“Manifestação

*Povo na Esplanada
Ouvidos moucos
Grito desatado”*

“Democracia
Democracia na Esplanada
Ódio frente ao Quartel
Volta da Pátria Amada”
Vicente de Paula Faleiros

A intensa e rica vida militante, inegavelmente, alimentou sua vigorosa vida intelectual. Suas pesquisas e produções, abundantes⁷ e abrangentes, obviamente contribuem, até hoje, e certamente por muito tempo ainda, com os temas e espaços de militância aos quais se dedicou e ainda se dedica.

Não caberia, nestas poucas páginas, abordar sua rica e ampla produção teórica e intelectual. Mas seria uma lacuna imperdoável não reconhecer suas mais importantes contribuições nas diversas temáticas que abordou. Por isso, enfatizo aqui, mesmo com receio de parecer restritiva, alguns fios teórico-metodológicos que orientaram suas pesquisas e produções.

O primeiro é sua profunda crença no que sempre expressou, em diversas produções, como “paradigma da correlação de forças”, que explica como sendo a capacidade teórico-metodológica de articulação entre a singularidade/particularidade e a totalidade. Sua busca nas pesquisas e publicações é a demonstração da relação entre a estrutura e a superestrutura, entre o particular e o geral. Essa perspectiva o instigou, não só a dar ênfase às forças políticas em presença em suas pesquisas, mas a militar e fortalecer as forças políticas organizadas, sinalizadas anteriormente. Assumiu em sua vida militante e profissional o que defendeu teoricamente: a importância da política e a necessidade de “práxis” ou da reflexão/ação na tessitura das relações sociais. Esse fio condutor está presente em suas importantes e — até hoje referenciadas — obras sobre Serviço Social, que balizaram seus posicionamentos sobre o processo de “reconceituação no Serviço Social”, suas críticas ao funcionalismo e sua visão sobre método e objeto do Serviço Social. A ênfase na “força da política” lhe rendeu críticas de que seria um “politicista”. Talvez a intensidade de suas lutas justifique, ou pelo menos explique, sua exaltação da política. Mas não de qualquer política. E, sim, na política forjada pelas classes oprimidas. É na força das lutas sociais que ele aposta o poder da transformação, e com quem se aliou ao longo da vida. Essa perspectiva está presente na militância, no conjunto de seus inúmeros artigos, livros e reedições, mas destacaria aqui tão somente alguns em que sua compreensão é mais evidente: *Metodologia*

7 O Currículo Lattes de Vicente Faleiros é impressionante. Segue muito atuante aos 83 anos. Recebeu muitos prêmios ao longo da vida. Apenas para dar uma ideia aos leitores, publicou 93 artigos nacionais e internacionais, 49 livros, incluindo as muitas reedições (quase todos os livros já contam mais de 10 edições e inúmeras reimpressões), 70 capítulos de livros, entre outros tipos de produção bibliográfica e técnica. Participou de 137 bancas de mestrado e doutorado e orientou 57 mestrados e 07 doutorados. Sua vitalidade, mesmo na aposentadoria, é incrível.

e ideologia do trabalho social: crítica ao funcionalismo; Saber profissional e poder institucional; O trabalho da política: saúde e segurança dos trabalhadores; Estratégias em serviço social.

Outro fio condutor de suas produções e ação militante, que se articula ao anterior, é a denúncia das violações de direitos e a defesa dos direitos e das políticas sociais como instrumentos necessários de proteção social no capitalismo. Desde sempre se dedicou a pesquisar o sentido das políticas sociais no capitalismo, e acredito que sua vivência nos anos 1970, no centro do surgimento e avanço do “*welfare state*” europeu e canadense, alimentou muitas de suas reflexões. Foi pioneiro, no Brasil, nas análises críticas e marxistas da política social, com seus “clássicos” livros *A política social do Estado capitalista: as funções da previdência e assistência social* (1980) e *O que é política social* (1986), da saudosa Coleção Primeiros Passos, em um momento quando as produções dessas temáticas se resumiam a interpretações gerencialistas e tecnicistas. A relação Estado/sociedade na materialização de políticas sociais é um tema recorrente em seus escritos, e emerge nas análises concretas de políticas sociais específicas sobre as quais se debruçou, como a Assistência Social, a Previdência Social, o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Estatuto da Pessoa Idosa, presentes em seus livros e muitos artigos e conferências ou cursos ministrados. A ausência (ou insuficiência) de políticas sociais, e seus impactos na (des)proteção e condições de vida tem sido uma de suas preocupações centrais recentemente, especialmente a violação de direitos de crianças e adolescentes, de pessoas idosas e de pessoas acometidas de transtornos mentais. O sofrimento vivenciado cotidianamente em decorrência dessas violações tem merecido sua atenção nas pesquisas, produções e orientações acadêmicas recentes⁸, que evidenciam a percepção subjetiva das pessoas em sofrimento. Não se trata apenas de representar simbolicamente o sofrimento, mas de denunciar o “miúdo” cotidiano do preconceito e das múltiplas formas de violência. Essas produções têm sido fermento de luta contra o capacitismo, o idadismo, e todas as formas de opressão e ausência de direitos e de proteção social.

Tributo nas diferenças

A homenagem prestada pela Revista Em Pauta (FSS/UERJ) à Vicente de Paula Faleiros revela sua importância ao Serviço Social, que ultrapassa fronteiras nacionais e temáticas. Concluo esse meu tributo destacando que, em minha interpretação, a trajetória de

8 Faleiros se aposentou do Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília (UnB) como docente titular e professor emérito, e seguiu colaborando no PPGPS até 2013. Foi docente da Universidade Católica de Brasília (UCB), atuando na graduação em Serviço Social e Psicologia e no Mestrado em Psicologia e Gerontologia até 2017. Atualmente integra a equipe de pesquisadores do NEIJ/CEAM/UnB (Núcleo de Estudos da Infância e da Juventude), ministrando cursos e orientações.

Vicente de Paula Faleiros não pode ser simplificada como um percurso de deslocamento ou de distanciamento de suas origens marxistas, como sugerem alguns de seus discordantes. A abrangência e expressividade de suas incursões políticas, teóricas e militantes, em minha opinião, revelam sua opção em se colocar em um campo do marxismo que sempre negou o estruturalismo e o totalitarismo, e incorporou uma perspectiva ampla e própria da política. Não construímos uma interlocução teórica sem discordâncias e polêmicas – por vezes bem “quentes” – mas tenho convicção de que Vicente de Paula Faleiros sempre foi, e ainda é, um intelectual anticapitalista, que se dedica incansavelmente a lutar em diversos espaços contra todas as formas de exploração e opressão. Sinto-me profundamente feliz em poder reconhecer, neste espaço, toda sua imensa contribuição a esse mundo, que exige de nós coragem, ousadia e disposição para as lutas, especialmente quando o conformismo, o individualismo e o conservadorismo capturam cada vez mais as mentes e corações. E finalizo com a energia esperançosa que o habita:

“Varandas

Primavera na varanda

Beija-flor esvoaçante

Faz-se uma esperança”

Vicente de Paula Faleiros

Referências

FALEIROS, V. *A política social do Estado capitalista*. 12. Edição. São Paulo: Cortez, 1980.

FALEIROS, V. *Metodologia e ideologia do trabalho social: crítica ao funcionalismo*. São Paulo: Cortez, 1982.

FALEIROS, V. O que é política social. *Coleção Primeiros Passos*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FALEIROS, V. *O trabalho da política: saúde e segurança dos trabalhadores*. São Paulo: Cortez, 1992.

FALEIROS, V. *Saber profissional e poder institucional*. São Paulo: Cortez, 1985.

FALEIROS, V. *Estratégias em Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 2005.

FALEIROS, V. *Cais em Brasília*. Brasília: avaeditora, 2021. Disponível em: <https://avaeditora.com.br/p/cais-em-brasilia/>. Acesso em: 02 mar.2024.

RODRIGUES, A.; LOLE, A. O pioneirismo de Vicente de Paula Faleiros na introdução do pensamento de Antônio Gramsci no Serviço Social brasileiro nos anos 1970. *Revista Práxis e Hegemonia Popular*, v.8, n.12. Marília/SP: UNESP, 2023. Disponível em <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/PHP/article/view/14804>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SERVIÇO SOCIAL & SAÚDE, Equipe. Entrevista com Vicente de Paula Faleiros. *Serviço Social e Saúde*, Campinas, SP, v. 6, n. 1, p. 153–170, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/8634955>. Acesso em: 30 jul. 2020.

SERRA, J. N. Entrevista com Vicente de Paula Faleiros. A violência contra a pessoa idosa. *Revista de Políticas Públicas*, V. 18, N.2. São Luís: UFMA, 2014. Disponível em <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3159/3946>. Acesso em: 20 abr. 2015.